

NAVEGANDO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

Muriel Oliveira Carvalho Pires
Jeniffer Nogueira Moreira
Elisângela Maura Catarino

RESUMO: O processo de alfabetização e letramento no Brasil foi se construindo ao longo da história do país. A alfabetização como forma de instruir a população sem uma preocupação em de fato ensinar a pensar e agir. A partir da década de 80 com a retomada da democratização a educação ganha novos rumos. O debate sobre métodos e teorias ganham força para a elaboração de uma linha de trabalho que atendesse ao contexto da época. Com o descontentamento de teóricos e educadores sobre os métodos usados até então para alfabetizar crianças, surgiu um novo olhar, que determinou uma mudança significativa, principalmente no que diz respeito a maneira de ver e entender a criança, como ela aprende e os métodos usados para alfabetização. Para tanto foram utilizados procedimentos metodológicos de levantamentos de dados teóricos que dialogassem com o tema proposto.

Palavras-chave: Educação. Alfabetização. Letramento. História. Aprendizagem.

Introdução

Antes do surgimento da escrita, toda a comunicação entre os povos era realizada oralmente. Na Grécia por exemplo, um mensageiro era enviado a longas distâncias para levar uma notícia. A escrita foi uma das grandes evoluções da humanidade.

Esse processo de desenvolvimento da escrita serviu para que as comunidades pudessem interagir e realizar negócios. Foi justamente isso que impulsionou a criação de um alfabeto pelos fenícios, que foram os primeiros a desenvolver um código com 22 letras, para que pudessem controlar suas negociações marítimas. Outro importante ponto a se destacar sobre o surgimento da escrita foi a possibilidade de se fazer o registro da história e da cultura das comunidades para que não se perdessem com o tempo.

Após a industrialização do Brasil no século XIX, houve uma grande migração de pessoas do campo para as cidades, fazendo-se necessária uma educação que pudesse preparar as pessoas para suprir as necessidades das fábricas.

Apesar de as taxas de analfabetismo terem reduzido bastante, devido à presença em massa de crianças nas escolas juntamente com os investimentos feitos pelo Estado, para que houvesse a qualificação da mão de obra industrial, segundo Albuquerque (2007), a grande maioria dos indivíduos alfabetizados eram apenas capazes de codificar e decodificar, porém



não compreendiam o ato de ler (analfabetismo funcional). Assim, tornou-se cada vez mais importante uma reformulação nos métodos de alfabetização das crianças. Com isso surge na década de 1990 o termo letramento no Brasil a fim de preparar os alunos para atuação autônoma em todas as esferas sociais. Este processo consiste na apresentação aos educandos de cenários artificiais da utilização dos vários tipos de gêneros textuais.

Contexto histórico e evolução

Um dos pontos de destaque que podemos mencionar aqui é sobre o papel da criança nas diferentes sociedades já tidas até hoje. Por exemplo, antes do século XVI a criança era tratada como um objeto de paparicação pelos adultos. Montaigne (1580, *apud* PEREIRA, 2008) propõe que ela deve ser tratada como realmente ela é, um ser racional, acabando com a educação baseada na repetição e iniciando um modelo em que as crianças sejam preparadas para agir conscientemente, buscando ampliar seu conceito de mundo. Nessa época ocorre, então, uma reorganização nos moldes da escola, tornando-a o “mundo da criança”.

Uma vez que os sistemas econômicos mudam e as tecnologias avançam, o conhecimento a ser requerido do homem se torna cada vez maior e mais complexo. Prova disso é a I Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX. As máquinas mandam no sistema de produção e as relações com as pessoas. Tudo tem que ser rápido e bem feito, atraindo as pessoas do campo para a cidade (êxodo rural). Com isso, a questão aqui é gerar funcionários capacitados para trabalhar nas fábricas.

Com a chegada do século XX, o Brasil entrou em um período de crise e de buscas por mudanças políticas e, conseqüentemente, sociais. No século XIX, as nações mais desenvolvidas já sentiam grande necessidade de estruturar a educação e deixá-la a cargo do Estado. Com o surgimento de uma nova economia, proveniente da industrialização dos grandes centros urbanos, o êxodo rural aumentou significativamente e as cidades necessitavam de uma educação que preparasse a população para o trabalho industrial. (GIAMOGESCHI, 2009)

Embora a Revolução Industrial no Brasil tenha sido tardia, assim que passou a se investir nas indústrias nacionais, houve a necessidade de qualificar a nossa mão de obra. Por isso no século XIX, são aplicados métodos para ampliar a alfabetização no Brasil. Apesar de serem técnicas mecânicas de ensinar o indivíduo a codificar e decodificar os signos linguísticos, foi assim que a alfabetização foi ganhando espaço no território nacional.



Nessa época, a teoria de aprendizagem que se destacava era o behaviorismo (Estímulos e Respostas), que teve como um dos seus grandes expoentes B. F. Skinner. Em seu ideal de ensino ele propunha o método de punições e recompensas, o qual foi usado no Brasil durante muito tempo - como exemplo a utilização da palmatória. Apesar de ter estímulos para que os alunos continuassem a aprender, o medo de serem punidos os forçava a decorar as respostas. Em vista disso, o ensino era muito mecânico e não levava ao desenvolvimento da criticidade do aluno. Os professores ficavam presos às cartilhas de alfabetização desenvolvidas na época. Elas passavam a ser o material didático deles, os quais se acomodavam e não procuravam renovar os métodos de ensino.

O método de ensino utilizado na época era o método sintético, também denominado silábico ou tradicional. No método sintético a alfabetização se faz a partir da sílaba, depois a palavra e posteriormente a oração e o texto. Sendo assim, a criança inicia sua aprendizagem com as famílias silábicas.

O que tornava esse método ineficaz era o fato de que o aluno não tinha incentivo para aprender, já que para ele, as sílabas apresentadas não faziam sentido, não estavam inseridas em nenhum contexto reconhecido pela criança, o que tornava difícil a memorização e a aprendizagem.

Com o passar do tempo, notou-se que as pessoas que eram alfabetizadas por esse método não estavam correspondendo ao que era esperado. Os educadores as ensinavam a ler e escrever, porém apenas como uma técnica. Esses indivíduos não conseguiam compreender o que decodificam.

Evidenciando a necessidade da mudança na forma de se alfabetizar, juntamente com as discussões que se estendiam sobre o surgimento do letramento, é sancionado em dezembro de 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Com ela, fica previsto em legislação o direito da criança à uma educação completa. Destaca-se na LDB de 1996 sobre a educação letrada:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade



e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1996)

Agora, a educação mais eficaz, com foco na aprendizagem e no desenvolvimento através do letramento torna-se um direito de todos. Segundo Soares (2003) “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.”

Vários índices mostravam como a educação estava fragilizada, como por exemplo o grande número de repetência e evasão escolar. Era necessário se pensar em alternativas que diminuísse os índices negativos da educação brasileira.

A fim de se fazer cumprir o determinado pela LDB, foi também lançado no Brasil os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, após vários debates com profissionais ligados à área da educação de todo o país. Este documento regulamenta um currículo comum em todo o Brasil, respeitando a questão do letramento na alfabetização. (PCN, 1997). Dentre outros objetivos,

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; (BRASIL, PCN,1997)

Alguns teóricos foram muito importantes para que houvesse uma mudança real no processo educacional e para que se adotasse o letramento como composição do método de alfabetização. Dentre eles Ferreiro e Teberosky se destacam bastante na América do Sul. Pensando no fracasso do processo de alfabetização, escreveram o livro *Psicogênese da Língua Escrita*, que foi traduzido no Brasil em 1985. Seus estudos foram revolucionários para a atualização dos métodos de alfabetização. “[...] para a pesquisadora, o fracasso na alfabetização está relacionado à maneira pela qual esse processo vinha sendo proposto e praticado até então.” (MELO, 2007).

Nesse sentido, Ferreiro (1985, apud MELLO,2007) afirma que, a mudança na didática se faz necessário, já que a criança aprende verdadeiramente, quando o ensino passa a ser feito relacionando o que ela lê e escreve com sua utilização dentro do seu cotidiano. Apenas o fato de aprender a tecnologia da escrita não dá a autonomia necessária para que a criança se torne um ser social.

Para a autora, a principal mudança deveria acontecer na maneira como o educador via



o processo, sendo que antes, a principal atenção era voltada para o método em si de alfabetizar, quando ainda se utilizava movimentos repetitivos e mecânicos, enquanto na verdade, deveria ser observada a maneira como a criança aprende, como ela se desenvolve.

Com o aparecimento da terminologia letramento, e com o descontentamento que a tempos já vinha se perpetuando entre muitos educadores sobre a metodologia de ensino que antes era baseado na repetição mecânica para a alfabetização, surge a necessidade de se reciclar como educador para se adequar à nova forma de ensinar.

Ainda hoje, a proposta do letramento continua sendo mal interpretada por muitos educadores, que não reconhecem a importância de desenvolver novas práticas pedagógicas. Além das dúvidas que ainda acometem os professores, existe um fator que é muito importante para a realização de um processo de alfabetização eficiente e fortalecido no letramento, que é a formação do profissional educador. É imprescindível que as instituições assumam sua responsabilidade em criar um currículo que coloque o futuro professor em posição ativa no que diz respeito à formação de pessoas capazes de ler, escrever e exercer seus direitos com segurança. “O letramento considera a aprendizagem, reflexão e construção dos aspectos sociais da escrita.” (KUHN, 2016).

Até hoje Emília Ferreiro é ícone quando se discute sobre a importância do letramento durante a alfabetização e o desenvolvimento do processo cognitivo da criança.

É importante ressaltar que muito se debate no interior das escolas sobre a alfabetização e letramento e sobre as formas ideais de se trabalhar com as crianças. Existe uma cobrança sobre o nível de desenvolvimento das crianças que tem que estar alfabetizadas cada vez mais cedo. Porém, essa busca pela rápida aprendizagem da criança precisa ser analisada com cuidado.

Hoje, atribui-se quase que exclusivamente, o fracasso do processo de alfabetização anterior aos anos 80, aos métodos utilizados, que se tratavam exclusivamente do método sintético. Método este que não fazia esforço para fazer com que a criança entendesse o que estava estudando, bastava decorar, memorizar, para depois fazer a aplicação desse conteúdo. Não se levava em consideração aspectos cognitivos da aprendizagem.

Com a aparição do termo letramento no processo de alfabetização, mudou-se o método utilizado pelos educadores com o intuito de melhorar a formação do indivíduo, o qual passou a ser o analítico. Este, ao contrário do anterior, tem como característica uma aprendizagem



que parte de um todo e depois vai se fragmentando em pequenas partes, ou seja, a criança passa a ter contato com orações e textos, e depois passa a estudar as partes deste texto. Isso faz com que a criança passe a entender o que ela está lendo. E assim, sabendo para quê determinada palavra é utilizada, o aluno tem mais vontade de se esforçar e de aprender verdadeiramente, e não de apenas decorar ou memorizar.

Kuhn (2016) diz que o “**Ambiente letrado(r)**: ter contato social com materiais escritos no dia-a-dia, bem como ver que os adultos ao redor também leem e se interessam pela atividade”. Os professores têm uma ampla possibilidade de materiais para trabalhar. Primeiramente, é importante que o educador utilize diferentes gêneros textuais para fazer a alfabetização e o letramento, mostrando para as crianças as diversidades de formatos, de estilos de linguagem, de rimas e de palavras a que elas têm acesso. Para isso, deve-se apresentar textos do cotidiano do aluno, como jornais, revistas, embalagens de produtos, comerciais, histórias em quadrinhos, livros infantis, placas de trânsito, entre outros. “O letramento considera a aprendizagem, reflexão e construção dos aspectos sociais da escrita.” (KUHN, 2016). A criança terá consciência de tudo o que há a disposição para que ela leia e escreva.

Nesse aspecto, podemos destacar também um outro teórico de suma importância para a psicologia de aprendizagem, L. S. Vygotsky. Ele é um teórico socioconstrutivista, ou também conhecido por sociointeracionista, que propõe que, a fim de que haja o desenvolvimento cognitivo da criança a interação com meio e a aprendizagem estão conectadas. (ROMERO,2015). Assim, para ele a criança não é um ser passional, mas ativo que através das suas relações com o outro e com o meio constrói seu conhecimento.

Com base nisso, um exercício que se tornou muito comum nas salas de aula é a produção textual realizada oralmente pelas crianças. Este tipo de trabalho onde a criança ganha voz e pode se expressar é muito importante no processo de letramento, pois, além de desenvolver a linguagem oral e promover as interações sociais no meio em que ela está inserida, também instiga o pequeno aluno a pensar, a construir uma opinião e a expressá-la em público defendendo seu ponto de vista. Este é um dos principais desafios do letramento: fazer com que as crianças cresçam com uma visão crítica, capaz de desenvolver suas próprias opiniões sobre os assuntos e de se expressar com confiança dentro da sociedade, em qualquer nível social.

Através de trabalhos como este, que estimulam a produtividade e a criatividade das



crianças, o educador incentiva a busca pelo contato com o novo atraindo o olhar investigativo da criança. Além disso, por meio de atividades como essas o professor poderá analisar a ZDP (zona de desenvolvimento proximal), a qual possibilitará uma avaliação dos conhecimentos adquiridos pelo aluno e quais as suas dificuldades, uma vez que

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, constituído por funções já consolidadas pelo sujeito, que lhe permitem realizar tarefas com autonomia, e o nível de desenvolvimento potencial[...]. (VYGOTSKY, 1989 *apud* SOUZA e ROSSO 2011)

Por isso é tão importante que o docente prepare bem as suas aulas procurando sempre desenvolver ao máximo seus alunos, instigando-os a descobrir quão grande o mundo pode ser por meio da leitura e da escrita.

“A aprendizagem é, portanto, um processo essencialmente social, que ocorre na interação com os adultos e com os colegas. O desenvolvimento é resultado desse processo, e a escola é o lugar privilegiado para essa estimulação. A educação passa, então, a ser vista como processo social sistemático de construção da humanidade.” (CAMPOS, 2011)

A postura do professor e sua relação com o aluno foi, então, necessário mudar. O fator cognitivo passou a ser levado em consideração - o ritmo de aprendizagem, que é diferente de um aluno para outro, a bagagem cultural e intelectual que cada criança traz de casa e que influencia no seu desenvolvimento. O olhar do professor passou a ser mais minucioso e crítico, para enxergar as dificuldades do processo e de cada criança. Foi preciso dar mais autonomia para as crianças e incentivar as relações sociais, que são a base para o crescimento de sua criticidade.

Há um grande equívoco ao se determinar que o principal motivo do fracasso da alfabetização dos anos 80 está exclusivamente ligado ao método, e que as melhorias também estão ligadas aos métodos novos. É claro que o método analítico utilizado hoje tem muitas vantagens no processo de letramento das crianças, não se pode discutir os avanços que foram alcançados até hoje. Assim como os professores cometiam muitos erros por estarem presos a uma metodologia e a uma cartilha de alfabetização padrão, hoje, muitos educadores ainda cometem o mesmo erro por tentarem seguir um padrão para com todos os alunos. Quando se trata da educação, da alfabetização, letramento e desenvolvimento da criança, não deve haver um único caminho a seguir.



Como já foi dito, cada criança possui um tempo para aprender, para assimilar os novos conhecimentos. Algumas por influência da família, ou por facilidade de assimilação, podem aprender com maior rapidez.

Em contraponto, também existem crianças com uma maior dificuldade para aprender, seja por algum distúrbio como déficit de atenção, seja por influência da família que não contribui com a sua parte no auxílio da aprendizagem ou por outro motivo qualquer.

Por isso, o professor-educador deve estar atento às dificuldades de cada aluno para então determinar qual o melhor método para cada caso. Se ele concluir que o método utilizado não está atingindo todos os alunos da mesma forma, então é preciso tentar uma nova maneira, mesmo que essa maneira não seja tão nova, como o método sintético por exemplo.

A grande diferenciação do alfabetizador de antes e de hoje é a forma como ele enxerga seu trabalho, como ele enxerga a educação e como enxerga as crianças, se colocando em segundo plano para agir de forma que contemple o desenvolvimento em todos os seus alunos, independentemente do método a ser utilizado.

Conclusão

A alfabetização e o letramento não podem ser tratados como processos independentes, pois eles são, na verdade, complemento um do outro, contemplando igual importância no desenvolvimento da aprendizagem. É comum que muitos educadores ainda se atrapalhem quanto a utilização de atividades que envolvam ambos os processos, já que se trata de um assunto relativamente novo, isso porque, o termo letramento passou a ser utilizado entre a década de 80 e 90, quando muitos dos professores que ainda estão em atuação já tinham uma metodologia definida e, como sabemos, se adequar a mudanças nem sempre é fácil. Vale ressaltar que com o intuito de obter a formação completa do indivíduo, como destacado na LDB 9.394/96, é imprescindível que os docentes busquem sempre se atualizar por meio da formação continuada. À medida que se passam os anos as gerações que chegam a alfabetização possuem um novo perfil situado em um novo cenário. Nota-se, então, que dentro de um país, onde a grande maioria dos docentes é acostumado a receber tudo pronto pelo currículo e os jovens se deparam com uma educação truncada, quão importante é a atualização dos métodos pedagógicos utilizados pelo docente.



Além da mudança nos métodos de alfabetização, que passaram a contemplar a utilização da leitura e escrita dentro do contexto social do educando, observou-se que a criança passou a ser o centro do processo, e vários temas se tornaram importantes no seu desenvolvimento, como a oralidade, a coordenação motora, a socialização, o raciocínio lógico, a produção textual e a autonomia. Todos esses temas são trabalhados para preparar a criança para sua atuação como cidadão. Nesse contexto, a utilização de vários gêneros textuais passou a ser regra, para que o indivíduo possa circular pelos vários níveis sociais tendo capacidade de analisar de forma crítica todas as informações que chegam até ele, independente do formato como essa informação está discriminada.

Por isso, é importante que os novos educadores que estão chegando no mercado de trabalho estejam preparados para assumir, com responsabilidade o seu papel de mediador. Que sempre procurem obter não apenas a interdisciplinaridade dos seus alunos, mas também a transdisciplinaridade, para integrar na sua metodologia os diversos gêneros textuais que possam promover o interesse no aluno. Deste modo, farão com que eles reconheçam a importância da aprendizagem na sua vida, sendo capazes de utilizar o que aprende dentro da sua convivência social.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e Letramento conceitos e relações. Capítulo 1. Belo Horizonte. Autentica, 2007.

O alfabeto, uma criação fenícia. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/fenicios/p2.php>> Acesso em abril de 2017

BRASIL, Lei nº 9.394, DE 20 de dezembro de 1996. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Art. 2º. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: abril de 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em: abril de 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: matemática / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 142p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro03.pdf>> Acesso em: abril de 2017.

CAMPOS, D. M. S. Psicologia da aprendizagem. 39ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos e metodologias de alfabetização. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Glossário Ceale. Disponível em: <



<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/metodos-e-metodologias-de-alfabetizacao>
Acesso em: maio de 2017.

GIAMOGESCHI, Carina Lopes. O CAPITALISMO E A EXPANSÃO DO ENSINO NO BRASIL. Agosto de 2009. Disponível em:

<<http://www.unifia.edu.br/projetorevista/edicoesanteriores/agosto09/artigos/educacao/capitalismo.pdf>>.
Acesso em abril de 2017

GHIRALDELLI, Paulo Jr. O que é Pedagogia. 3ª ed. ver. E atual. São Paulo: Brasiliense, 2001.

KUHN, Lilian. Letramento, alfabetização e pequenos escritores. Atualizado em 05/09/2016. Disponível em:
<<http://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Lilian-Kuhn/noticia/2016/09/letramento-alfabetizacao-e-pequenos-escreitores.html>> Acesso em: maio de 2017.

MACHADO, Tiago Ribeiro. Artigo: OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR. SEDUC. Mato Grosso. Postado em 20/02/2014 alterado em 13/10/2014. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/OS-DESAFIOS-DO-PROFESSOR-ALFABETIZADOR.aspx>> Acesso em: abril de 2017.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. O pensamento de Emília Ferreiro sobre alfabetização. Revista Moçambas: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, São Paulo, ano 1, n. 2, 2007. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/reaa/article/viewFile/11461/13229>>. Publicado em: março 2007. Acesso em: abril de 2017.

MOREIRA, M. A. Teorias de aprendizagem, capítulo 3. 2ª Ed. Ampliada. São Paulo: EPU, 2014.

PEREIRA, Vilmar Alves. INFÂNCIA E SUJEITO NO CONTEXTO DO PENSAMENTO PÓS-METAFISICO. Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS. Janeiro de 2008. Disponível em:<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Teses/Vilmar_Alves_Per_eira.pdf> Acesso em maio de 2017.

ROMERO, Priscila. Breve estudo sobre Lev Vygotsky e o sociointeracionismo. Educação Pública. Publicado em 28 de abril de 2015. Disponível em: <<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/breve-estudo-sobre-lev-vygotsky-e-o-sociointeracionismo>> Acesso em: maio de 2017.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte. Autentica, 2007.

SOARES, Magda Becker. O que é letramento. Diário na Escola. Diário do Grande ABC. Santo André. Agosto de 2003. Disponível em:<<http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>> Acesso em: abril de 2017.

SOUZA, Audrey Pietrobelli de; ROSSO, Ademir José. MEDIAÇÃO E ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL (ZDP): ENTRE PENSAMENTOS E PRÁTICAS DOCENTES. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4604_3097.pdf> Acesso em maio de 2017.



Dos autores

Muriel Oliveira Carvalho Pires: Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Mineiros, muriel.pires87@gmail.com

Jeniffer Nogueira Moreira: Acadêmica, Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Mineiros, jeniffer.n.m.98@gmail.com

Elisângela Maura Catarino: Docente, Doutora no Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Mineiros, ellisadegoias@hotmail.com

